

ARTIGO

OS FIOS DE MEMÓRIA DE ROSE: UMA IMIGRANTE GUIANENSE EM BOA VISTA – RR

Resumo

Esse trabalho tem como finalidade refletir sobre a relação entre memória, cultura e identidade de uma imigrante guianense residente há mais de vinte anos no município de Boa Vista, capital do estado de Roraima. A pesquisa entra no mundo de experiências vividas historicamente, através de um passeio pelas memórias da imigrante que são reveladas na e pela linguagem. Partimos da trajetória migratória para problematizar as questões de memória e identidade com aporte teórico na Linguística Aplicada, nos Estudos Culturais e nas Ciências Sociais. A pesquisa foi feita com uma imigrante guianense por meio de entrevista semiestruturada gravada em áudio. Concluímos com as reflexões sobre a extensão das discussões em torno da constituição identitária.

Palavras-chave:

Migração; memória; identidade.

Abstract

This work aims to reflect on the relationship between memory, culture and identity of a Guyanese immigrant who has lived for over twenty years in the city of Boa Vista, the capital of Roraima. The research enters in the world of historically lived experiences, through the immigrant memories tour that are revealed on the and through the language. We started from migration path to problematize the issues of memory and identity with the theoretical approach of Applied Linguistics, Cultural Studies and Social Sciences. The research was done with a Guyanese immigrant through a semi-structured interview, which was recorded in audio. We conclude with the reflections about the extension of the discussions around the identity constitution.

Keywords:

Migration; memory; identity.

Introdução

Neste artigo pretendemos apresentar a relação entre memória, cultura e linguagem na construção identitária de uma guianense residente no espaço urbano de Boa Vista-RR, utilizando narrativas coletadas por meio de entrevistas na residência da participante. As entrevistas foram guiadas por perguntas previamente elaboradas como um roteiro, de modo que durante a coleta pudesse garantir o encadeamento para as questões focalizadas. A primeira entrevista ocorreu de forma espontânea como uma conversa e a segunda foi gravada com a devida autorização por meio de um TCLE¹.

Boa Vista, capital do estado de Roraima, é uma cidade que presencia constantes processos migratórios tanto nacionais quanto internacionais. As pessoas vêm, seja em busca de emprego, casa própria, cargos públicos ou em busca de melhores condições de saúde e de educação.

Entendemos a migração não somente um momento na vida, um tempo de saídas e de chegadas, mas como uma experiência construída e reconstruída no dia a dia, por isso acreditamos que interpretar as narrativas de imigrantes é perceber o modo como relacionam seu presente e seu passado e até mesmo seu futuro e como esta relação presente-passado-futuro colabora na constituição de suas identidades.

Não pretendemos elaborar generalizações sobre os processos histórico-culturais da imigração, mas problematizar e refletir acerca da trajetória de Rose².

Guianenses em Boa Vista

Toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as como recriando-as. Ao mesmo tempo que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias. Tanto singulariza como universaliza (Ianni, 2000, p. 13).

A imigração implica mudança de moradia, de trabalho, de práticas sociais, de sonhos e perspectivas, mas segundo Silva (2009, p. 40) muitas pessoas se adaptam em outros lugares de que modo que “fica difícil voltar, mesmo reconhecendo vantagens da vida de antes”. Ainda de acordo com o autor, entra em questão a

1 Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

2 Nome fictício que assegura o anonimato da participante.

necessidade de reconstrução de valores em outros contextos, a saber, a escolha do local ou tipo de moradia, a espécie de trabalho, modos de convivência familiar, tradições religiosas.

A migração, conforme expõe Penna (1998, p. 108),

acarreta mudanças radicais no modo de vida, no nível do trabalho, da inserção comunitária (...), no acesso a bens materiais e simbólicos. (...) Tais mudanças refletem-se, sem dúvida, sobre os processos relativos à identidade social. Faz-se necessário, portanto, considerar a migração enquanto um processo dinâmico de transformação (destruição/recriação) tanto do modo de vida e das relações com o espaço, quanto dos referenciais simbólicos (as representações de identidade) que marcavam a experiência pessoal.

Assim, os processos migratórios devem ser percebidos como ricos em significados culturais, pois cada experiência é única, pode até ser dividida, uma vez que grande parte das pessoas que migram têm histórias semelhantes, por isso cada imigrante vai contar sobre a sua migração e, ao mesmo tempo, da migração de outros porque usa uma linguagem construída junto com outros.

Segundo Rodrigues (2006), em Boa Vista, “os *fronteiriços internacionais migrantes* podem ser encontrados no mercado de trabalho informal, nas ruas dos camelôs, na feira do produtor”. A autora esclarece, ainda, que os guianenses são os imigrantes internacionais de maior representatividade, principalmente a partir dos anos de 1960, em decorrência da crise política e econômica ocorrida na República Cooperativista da Guiana, estando presentes no mercado informal, no emprego doméstico e na construção civil.

Pretendemos perceber traços identitários que vêm sendo construídos a partir de memórias do cotidiano, que são reforçadas e/ou representadas por uma guianense. Neste sentido, a identidade que se revela através da rememoração e da narrativa refere-se à seleção naquilo que é dito, em uma avaliação retrospectiva da história vivida, cuja construção é exclusiva de quem narra e que, para tal objetivo, utiliza expressões culturais do presente. Trata-se de um diálogo constante entre narrativa e identidade.

As narrativas de Rose foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas a partir de um roteiro, sem perguntas fechadas e encadeadas, mas com a liberdade dos assuntos, de modo a suscitar-lhe a escolha das memórias. É um passeio pela memória, focalizando elementos que caracterizam hábitos e práticas na experiência cotidiana, partindo da assertiva de Alberti (2004, p. 78) “as entrevistas são pistas para se conhecer o passado”.

Percebemos que as narrativas de imigrantes podem ser histórias de luta por melhores condições de vida para si e seus familiares. Ao garimpar suas memórias, é

possível notar a mistura de passado e de presente numa tensa relação de representações e ressignificações. Goffman (1975, p. 29) usa o termo “representação” para se referir a “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores que tem sobre estes alguma influência”.

Os imigrantes oferecem suas narrativas e têm formas próprias de organização que garantem a continuidade das tradições culturais que ainda são expressivas no novo lugar: como o vestuário, a religião, a língua e a alimentação. No entanto, enfrentam desafios, uma vez que a vida em outro país amplia o leque das dimensões culturais, tornando-a mais plural e diversa pela aproximação com outras pessoas.

Cada imigrante traz suas memórias e sempre há o que narrar, principalmente por meio do jogo discursivo “lá” e “aqui”, revelando um movimento das lembranças, do vivido em mescla como o “novo”.

Ressaltamos que a linguagem é uma prática social e as histórias contadas pelos imigrantes podem, inclusive, ser modificadas, considerando-se que contam e recontam as histórias que já foram ouvidas/contadas e vividas.

As narrativas são comuns nas rodas de conversas, quando geralmente os mais velhos são considerados “referências de memórias”. Contar algo sobre nossa vida é uma forma de reconstruir o passado a partir do presente. Pollak (1992, p. 203) afirma que há uma seletividade de temas ou assuntos porque a “*memória é seletiva*. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (grifo do autor). Há, inclusive, o que não pode ser revelado.

A memória é ativada por lembranças e, de acordo com Bosi (1994, p. 46 - 47),

permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

A Trajetória de Rose

Rose, 60 anos, é casada, mãe de três filhos e permite a coleta da narrativa em sua residência, situada em um bairro da zona oeste do município de Boa Vista. Nascida em Georgetown, mudou-se para Lethem aos dezoito anos. Casou-se e fez o marido optar entre o casamento e a carreira militar. Ele deixou de ser soldado e dedicou-se ao casamento. Ela trabalhava como professora e era atuante na Igreja Católica.

Rose começou a enfrentar problemas de saúde com seus filhos e o marido não

conseguia trabalho na região como eletricitista, por esta razão, em 1989, ela decidiu se mudar para Boa Vista, oferecendo melhores condições de saúde e de educação aos filhos.

A adaptação foi difícil porque não falava português. Ficava em casa cuidando das crianças enquanto o marido buscava trabalho, o que também foi complicado porque ficava pouco tempo nas firmas (no máximo três meses) em virtude da documentação de estrangeiro.

Hoje, Rose e o marido têm visto permanente, mas os filhos nasceram e foram registrados em Bonfim. Eles sempre visitam os amigos e familiares na Guiana e vice-versa.

Os filhos aprenderam português na convivência com outras crianças em ambiente escolar. O marido adquiriu a Língua Portuguesa nos diferentes ambientes de trabalho e Rose conseguiu aprender um pouco, em casa, com os filhos. Até hoje, muitas tradições guianenses são mantidas em casa como a culinária e a comunicação que se realiza na Língua Inglesa.

Entrelaçando os fios de memória das narrativas

Que leituras são possíveis da narrativa de Rose? Que significados ela produz em relação à Guiana e ao Brasil? Como ela se identifica? Como é identificada? Como deseja ser reconhecida?

Percebemos que é a narrativa de uma mulher que lutou (e ainda luta) por melhores condições de vida para si e seus familiares. Ao ouvir suas memórias, vemos a mistura de passado e de presente.

Para Rose, passado e presente atuam juntos para estabelecer comparação: “Eu gosto muito de Boa Vista, mas sinto que aqui o modo como as famílias educam os filhos é muito diferente da Guiana”.

A memória de Rose concretiza-se pela linguagem, é referenciada pela realidade, refere-se a espaços (“aqui” e “lá” ou Boa Vista/Lethem/Guiana) e a tempos determinados na relação presente-passado. Não podemos, aqui, falar de memória sem mencionar seu entrelaçamento com as relações, as vivências, as lutas, os sonhos e os traumas. A memória não está pronta porque é uma construção permanente e dependente das percepções, das experiências, do vivido.

Burke (2000, p. 70) cita Halbwachs para argumentar que as memórias são construídas por grupos sociais. São os indivíduos que lembram, no sentido literal, físico, mas são os grupos sociais que determinam o que é “memorável”, e também

como será lembrado. Os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos de importância para o grupo.

Rose revela: “Não vou mentir. um dos motivos de nossa vinda para Boa Vista foi o marido. Quase nos separamos”.

Ela elege o que pode ser dito, um fato que poderia ter sido escondido por outra pessoa se ela tivesse vergonha, por exemplo. O fato narrado é um marco para a mudança. Pollak (1992) anuncia que em função da experiência de uma pessoa, de sua inscrição na vida pública, as datas da vida privada e da pública vão ser ora assimiladas, ora separadas, ou mesmo vão faltar no relato ou na biografia. De alguma forma na história de vida de uma pessoa vai sempre estar presente tempo atual e um tempo passado.

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata de memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da linguagem em si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 204)

No relato de Rose há uma dúvida de afirmação de identidade. Quando é questionada sobre como se considera, guianense ou brasileira, ela pensa, sorri e diz: “Os duas coisas!³”. Ela complementa: “Já tive a oportunidade de me naturalizar, mas ainda não quis”.

Em relação à língua a história de Rose é curiosa. Ela, o marido e os filhas só se comunicam em inglês. Ela ficava muito triste quando na escola as professoras ensinavam “inglês errado” às crianças. Este ensinar “errado” refere-se principalmente à pronúncia. Há um fato curioso em sua vida. Ao chegar a Boa Vista fez amizade com Rebeca⁴. Esta lhe ensinava o português e Rose lhe ensinava inglês. Rebeca chegou a abrir uma escola de idiomas e convidou a amiga para ser professora, uma vez que já possuía experiência de dez anos em Lethem. Rose aceitou, mas foi por muito pouco tempo. O diretor organizou as aulas de modo que ela deveria ensinar aos alunos a seguinte expressão: “The mouse is beautiful⁵!” Ela não concordou e pediu para sair da escola: Onde já se viu um rato bonito? Não posso ensinar errado!”

3 A fala de Rose é marcada pelo sotaque e pela dificuldade com o gênero do substantivo na Língua Portuguesa.

4 Nome fictício também.

5 O rato é bonito. (tradução de Rose).

As atitudes linguísticas têm uma íntima relação com as atitudes culturais. Concordamos com Cuche (2002) quando afirma que as questões de identidade estão relacionadas com a cultura. Para este autor, a identidade é construída por meio da linguagem, no interior das relações sociais. A identidade não existe em si; ela pressupõe a alteridade, isto é, a presença do outro.

Defendemos a ideia de que Rose não apresenta duas identidades, mas identidades híbridas, pois “cada indivíduo integra múltiplas referências identitárias constituídas em sua trajetória” (CUCHE, 2002, p. 195). Hall (2005) afirma que o sujeito não apresenta uma identidade única, mas várias que são construídas e definidas historicamente, dependendo de como é representado ou interpelado.

Woodward (2000) defende que a identidade é relacional porque depende de outra para existir, sendo marcada pela diferença, aquilo que não se é e as identidades “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas” (p.8). Esta representação inclui “práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos” (p.17).

Rose faz o movimento de inclusão: inclui-se no “ser brasileira” e no “ser guianense”. Apresenta, inclusive, sua genealogia: “Meu avô paterno era português, minha avó paterna era de Madeira e meus avós maternos eram ingleses”.

Rose viu a fronteira como salvação de sua vida e de seus filhos e no processo de migração um projeto maior de vida. Devido à falta de recursos médicos e hospitalares, chegou a perder três filhos em Lethem na hora do parto, por isso nas outras gestações, providenciou, junto com o marido, para que os partos fossem realizados no Brasil.

Apesar de fazer alusão à fronteira geográfica – faixa do território situada em torno dos limites internacionais – implicitamente coloca as outras noções que o termo pode adquirir. Martins (2009, p. 11) nos traz a possibilidade de perceber o conceito polissêmico de fronteira, quando advoga que “é a fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização, fronteira espacial, fronteiras de culturas e visões de mundo, fronteiras de etnias, fronteiras da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, *fronteira do humano*”.

Compreendemos que Rose, quando narra sua trajetória de vida, marcada pelo processo migratório, descreve as fronteiras que teve que respeitar, atravessar, contornar e transgredir. De fato, suas narrativas revelam o quanto foi preciso “rachar”. O modo de percepção dessas fronteiras está vinculado às trajetórias de vida, das experiências, do vivido, do que é dizível ou não. Rose busca abrir as fronteiras de

si aos outros, mas no interior do lar as fronteiras se fecham nas tradições culturais que procura manter. Ao migrar para Boa Vista, abre as fronteiras para o novo, o desejado, o “ser brasileira”.

Para Menezes (1992, apud PENNA, 1998, p. 90) a experiência – pessoal e social – do migrante, recuperada através do relato que faz de sua vida “não expressa exatamente como os fatos ocorreram, mas sim como ele os elabora e analisa”.

Hall (2005) argumenta que são as transformações da sociedade moderna que apresentam a migração como uma das consequências da globalização e que leva a uma “pluralização” de culturas.

Há muitos outros casos de migração guianense no cenário urbano de Boa Vista. São narrativas que ainda devem ser coletadas para continuar vislumbrando as memórias que ajudam a problematizar as identidades destas pessoas que na relação de fronteira articulam cultura, identidade, nacionalidade e muitos sentimentos.

Oralidade: o fio que entrelaça narrativas e memórias

As memórias são expressas por meio da linguagem, constituindo, assim, as narrativas. Para Portelli (2005, p. 44) as narrativas são “o território da confusão, da ambigüidade, do múltiplo e da desordem; são, em suma, o território de como estão realmente as coisas”.

Os imigrantes têm muito a narrar, talvez o que lhes falte é a “escuta”. No caso de imigrantes guianenses a linguagem deve ser analisada com muito cuidado, pois se trata, também, de uma mudança linguística. Oriunda de país de Língua Inglesa, Rose passou (e ainda passa) por constantes processos de aprendizagem, aquisição e assimilação de traços linguísticos. Silva, Melo e Anastácio (2009, p. 126) argumentam que as mudanças internacionais são as mais difíceis e o primeiro obstáculo é “o novo idioma que a família tem que aprender, em um curto prazo”, além de lidar com perdas, saudades dos familiares e a distância do país de origem.

Há uma tensão entre línguas: a Língua Inglesa, a Língua Portuguesa, ou seja, as situações comunicativas circulam em duas línguas. Trata-se de um jogo entre a primeira língua e a Língua Portuguesa que também colabora na constituição identitária da imigrante. Para Lane (2004, p. 32 – 33) a linguagem

como produto de uma coletividade, reproduz através dos significados das palavras articuladas em frases os conhecimentos – falsos ou verdadeiros – e os valores associados a práticas sociais que se cristalizam; ou seja, a linguagem reproduz uma visão de mundo, produto das relações que se desenvolveram a partir do trabalho produtivo para a sobrevivência do grupo.

Bosi (2003, p. 45) insiste nos termos *narrativa* e *oralidade* porque ambos “se desenvolveram no tempo, falam no tempo e do tempo, recuperando na própria voz o fluxo circular que a memória abre do presente para o passado e deste para o presente”. Acrescentamos que *narrativa* e *oralidade* se cruzam e entrecruzam no tempo, no espaço, na sociedade, mas é necessário dedicar atenção também aos tons das narrativas, aos gestos, à expressão facial do narrador, suas lágrimas, seus sorrisos e gargalhadas. Isto porque é nesse movimento do falar e expressar que podemos captar a experiência de cada imigrante, seus sentimentos e emoções.

Genetti (2009, p. 280) enriquece a discussão quando afirma que no discurso,

alguém fala, e sua situação no ato mesmo de falar é o foco das significações mais importantes; na narrativa, como o diz Benveniste com força, ninguém fala, no sentido de que em nenhum momento temos de nos perguntar quem *fala* (*onde e quando*, etc) para receber integralmente a significação do texto.

Trata-se, portanto, da forma artesanal de comunicação exposta por Benjamin (1993, p. 205) que não está

interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica.

Ouvir as histórias da migração de Rose é uma experiência ímpar, uma mescla de línguas, de fatos, de lugares, de construções, principalmente se nos embasarmos em Leite e Fernandes (2003, p. 53) para quem “toda narrativa é um ato de criação”. As histórias e fatos narrados apontam a importância do falar, do contar dores e alegrias no contexto da realidade de imigração. É o que Lane (2004, p. 34) confirma quando diz que “(...) os significados produzidos historicamente pelo grupo social adquirem, no âmbito do indivíduo, um ‘sentido pessoal’, ou seja, *a palavra se relaciona com a realidade, com a própria vida e com os motivos de cada indivíduo*”. (grifo nosso). Estes autores confirmam que a palavra que entrelaça as memórias e as narrativas.

Apontamos como relevante que a linguagem tem um papel fundamental no estabelecimento das manifestações de Rose que passou (ou ainda passa) por uma crise linguística, visto que precisa (re)estruturar o código na comunicação. Rose não se preocupou com a “forma” da língua portuguesa, tanto que em sua fala, notamos o uso de muitas expressões inglesas misturadas ao português. Para exemplificar citamos o uso de preposições *from* em inglês no lugar da preposição portuguesa **de** e *to* no lugar da preposição **para** e o uso da expressão *for instance* no lugar de **por exemplo**.

Segundo Portelli (2005, p. 53) é “um grande desafio narrativo aquele que o estranho disposto a escutar carrega, pedindo a outro para contar a sua vida, porque aquele nunca fez isso, não havia nunca ao menos colocado o problema e, então, contá-la significa ter surpresas”. No contexto desta pesquisa, estas surpresas revelam-se por expressões em outra língua, gestos, silêncios, afirmação, negação captados na observação, no “olhar curioso e atento” e na fala de Rose. Isto porque a palavra oral nunca existe num contexto puramente verbal, como ocorre com a palavra escrita. As palavras são sempre modificações de uma circunstância total, existencial, que também envolve o corpo.

A complexidade da problemática da oralidade está relacionada a outros elementos como a existência de características individuais ou grupais na manutenção e utilização dos códigos linguísticos comuns ou de vocabulários, gírias, sotaques, dialetos, fórmulas ligados a espaços comunitários, ritualísticos, a classes sociais ou grupos étnicos, em sociedades cada vez mais complexas e multiculturais como é o caso do espaço urbano boa-vistense.

Considerações Finais

Refletir sobre identidade e linguagem é, na verdade, um desafio pessoal de (re) avaliar nossos próprios (pré) conceitos de identidade e a nossa capacidade de (re) interpretar o mundo pós-moderno em que vivemos. Estas reflexões exigem de nós um olhar “múltiplo” sobre o mundo, sobre o “outro” e sobre nós mesmos.

Ousamos afirmar que a problemática da diversidade cultural e da construção de identidades e de diferenças propõe novos olhares para a valorização das identidades culturais, inclusive aquelas apagadas, invisibilizadas ou até mesmo negadas, como é o caso dos guianeses em Boa Vista. Acrescentamos que as identidades são percebidas *na e pela linguagem* que utilizamos no cotidiano e que são essenciais para compreendermos e (re) construirmos nossas identidades em relação à identidade do “outro”.

Defendemos, pois, o argumento de que a linguagem tem papel decisivo na constituição das múltiplas identidades do sujeito, partindo da noção de Hall (2005) de um sujeito histórico sócio-culturalmente construído, um *eu* fragmentado, com várias identidades definidas na negociação que se dá nas relações sociais, ou seja, em uma constante relação com o “outro”. Acreditamos que seja um constante jogo de “ser ou não ser”, que depende das situações vividas e das escolhas que fazemos.

A discussão em torno da imigração guianense em Boa Vista aborda a pluralidade dos seus modos de vida, privilegiando os aspectos culturais deste grupo, sua presença

e constituição na cidade, a fim de destacar os pontos como as relações sociais, o lazer, os desejos, o trabalho, a sociabilidade, os conflitos linguísticos, enfim, os modos de ser e de viver. A abordagem implica em relacionar dentro da temática do processo migratório, suas trajetórias, suas memórias e suas interpretações do vivido através de narrativas orais.

As entrevistas de Rose revelam a preocupação com a educação no âmbito familiar a fim de manter os valores, inclusive os linguísticos e religiosos. Rose afirma a tradição católica herdada dos pais na Guiana. São as experiências, o vivido, os traumas, os sonhos que tornam possível o enriquecimento da memória e a relação desta com cultura, migração, fronteira e linguagem.

Assim como Rose, muitos guianenses deslocam-se para Bonfim e Boa Vista a fim de vender seus produtos, de procurar empregos, buscar serviços públicos: saúde e educação.

Vale ressaltar que nosso objetivo não foi definir a identidade de Rose, mas dar-lhes voz, de modo que seja possível percebê-la no limite de suas próprias fronteiras. Observando atentamente suas narrativas podemos afirmar que ela não se considera imigrante. Rose revela, inclusive, que devido ao seu modo de falar há pessoas que acreditam que ela é venezuelana.

Ainda há muito que analisar nas situações aqui descritas, tendo em vista que globalização, cultura, linguagem, formações identitárias e fragmentação são ainda questões recentes. Nós nos detivemos em abrir um “espaço” de escuta neste ambiente polifônico que é cidade de Boa Vista, coletando as memórias de uma mulher e verificando como o presente solicita o passado em uma (re) construção permanente e movido pela necessidade do sujeito. A linguagem, parceira inseparável da memória, age como mediadora na relação presente e passado, entre “eu” e o “outro”, entre o “individual” e o “coletivo”, entre “aqui” e “lá”, não para “reviver”, mas para refazer, reelaborar, repensar as experiências vividas.

O estudo remete-nos, ainda, para uma reflexão mais ampla sobre os processos de deslocamentos populacionais para Roraima, mas não se encerra aqui. Muito há para ser debatido e proposto. Por hora fica o desafio de perceber a relação intrínseca entre *memória, oralidade e narrativa* no contexto de imigração guianense.

Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

- BOSI, Ecléa. Memória – sonho e memória – trabalho. In: **Memória e Sociedade**. 4. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BURKE, Peter. **História como memória social**. In: **Variedades da história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- GENETTI, Gérard. **Fronteiras da narrativa**. In: BARTHES, Roland [et al.]. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- IANNI, Otávio. A metáfora da viagem. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LANE, Sílvia Tatiana Maurer. **Linguagem, pensamento e representações sociais**. In: LANE, Sílvia Tatiana Maurer; CODO, Wanderley (orgs). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2004, (p. 32 – 39).
- LEITE, Eudes Fernandes; FERNANDES, Frederico. **Oralidade no Pantanal: vozes e saberes na pesquisa de campo**. In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Oralidade e Literatura: manifestações e abordagens no Brasil**. Londrina, PR: EDUEL, 2003, (p. 45 – 64).
- MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do mundo**. São Paulo: Contexto, 2009.
- PENNA, Maura. **Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento**. In: SIGNORINI, Inês (org). **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998 (p. 89 – 112).
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade social**. Rio de Janeiro. Estudos Históricos, v. 5, n. 10. 1992, (p. 200-2122). Disponível em: <www.cpdoc.fgv.br>. Acesso em 12 de maio 2010.
- PORTELLI, Alessandro. **A lógica das narrativas e a aprendizagem da diferença na pesquisa de campo**. In: WHITAKER, Dulce C. A.; VELÓSO, Thelma M. **Oralidade e Subjetividade: os meandros infinitos da memória**. Campina Grande, PB: EDUEP, 2005, (p. 43 – 54).
- RODRIGUES, Francilene. **Migração transfronteiriça na Venezuela**. Estudos Avançados. vol.20 no.57 São Paulo: **May/Aug. 2006. Dossiê migração**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142006000200015&script=sci_arttext. Acesso em 29/12/2010.
- SILVA, Célia Nunes; MELO Maria das Graças Pedrosa Lacerda de; ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra. **Nômades contemporâneos: famílias expatriadas e um mosaico de narrativas**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009.
- SILVA, Rubens de Moraes. **Memórias e identidades num vai-e-vem de migrações: Bonfinópolis de Minas (MG) – Brasília (DF) (1970 – 2000)**. São Paulo: Annablume, 2009.
- WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.